# O PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR E A PRÁTICA DA DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO DA SALA DE AULA.

**Angelica Helem Prata Pinto, UFAM**

**Aline Bulcao Macedo1, UFAM**

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo evidenciar as práticas no campo do Estagio Supervisionado II: Ensino Fundamental/Anos iniciais, considerando o real sentido de inerdisciplinaridade e a importância desta no planejamento escolar e na prática pedagógica para trabalhar a diversidade cultural presente na escola por muitas vezes visíveis, porem não detectados pela equipe escolar. O trabalho traz citações e reflexões de autores que embasam esses conceitos. Trazendo a Interdisciplinaridade como elemento que proporciona e mantém um diálogo numa perspectiva educativa de saberes e diversidade. Dando enfoque sobre a prática pedagógica relacionando-a com sua identidade de professor diante da realidade enfrentada e suas propostas como sujeito sociopolítico.

**Palavra chave**: Interdisciplinaridade, Diversidade cultural, Prática Pedagógica

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade contemplar o real sentido de interdisciplinaridade e como esta prática pode ser fundamental na ação docente, tendo em vista a diversidade cultural, evidenciada no Estágio do Ensino Fundamental, levando em consideração o planejamento interdisciplinar e a associação com os pilares da educação.

Este se inicia com reflexões embasadas em autores que conceituam os termos acima mencionados, em seguida, constitui a metodologia adotada no Estágio e finaliza com os resultados e discussões das observações do Estágio, evidenciando como este é relevante para uma práxis docente. Sabe-se que a relação teoria e prática são eternos paradoxos na formação e ação docente, atualmente o estágio vem sendo entendido como elemento essencial para superar essa dicotomia e enquanto houver essa dissociação entre teoria e prática, as práticas pedagógicas vão ser sempre precárias. Assim, Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que a finalidade do estágio é a de propiciar ao aluno uma *aproximação à realidade* na qual atuará. Logo, a visão sobre o estágio deve ser reinterpretada a partir do contexto real ao qual se atua.

Ao que se refere ao Ensino Fundamental conforme os PCNs e nos termos previstos na Lei Federal n. 5.692, de 11 de agosto de 1971 e a LDB (n. 9.394/96) legitima como objetivo geral para o ensino fundamental que este deve "proporcionar aos educandos a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania". Para essa ação nada melhor que perceber-se diferente do outro, porém não desigual, em busca do respeito às diferenças individuais e coletivas. No campo do Estágio pode-se perceber essa diversidade, este é o momento de perceber os diversos contextos, metodologias e práticas de ensino e agir de forma concreta e efetiva no meio em que se vive. Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis".

Desse modo, o estágio vem possibilitar uma superação da separação entre teoria e prática, complementando-se com a interdisciplinaridade, tornando concreta a realidade do aluno, proporcionando um diálogo, não somente das disciplinas, mas também das diversidades presentes nas escolas, haja vista que a atividade docente se configura simultaneamente como prática e ação, na medida em que preconiza a ação pedagógica e resulta numa prática social.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 PLANEJAMENTO: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Se o currículo é a identidade da escola, o planejamento vem a ser sua concretização, mediante a execução do mesmo na prática de ensino, sendo indispensável no sistema educacional.

Autores como Libâneo e Celso Vasconcelos apontam diversas preocupações com o planejamento e conseqüentemente com o papel do professor no processo educacional. Nesse caso discutir as três modalidades de planejamento neste artigo, acredita-se ser muito relevante, pois, eles estão interligados e são indissociáveis para uma educação de qualidade. E esta é a finalidade do professor que exerce autonomia, atitude e competência na execução de sua prática como um todo. Referindo-se ao assunto Libâneo (1994) afirma, "o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social [...] é uma atividade de reflexão a cerca das nossas opções e ações; se não pensarmos didaticamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade". A prática pedagógica torna-se uma escolha de vida, o professor precisa estar ciente de sua função emancipadora, concretizando-a em suas ações, bem como a sua identidade sociopolítica, quando ele trabalha com a realidade ao redor. Para Menegola e Sant'Anna (2001, p. 25): "planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque educação não é o processo, cujos resultados podem ser totalmente pré-definidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos de correntes de uma ação puramente mecânica e impensável".

Dessa forma, o planejamento exige tudo isso, são reflexões diárias, é a sua ação pensada carregada de finalidade, conscientes de suas competências e o dever de suas ações. Proporcionando uma reflexão-ação, pois, no ato de planejar as visões de todo o contexto escolar precisam estar em pauta, tendo como foco a analise da situação a ser enfrentada, entra então, "o para quê fazer", e para completar a designação "previsão e revisão" utilizada por Libâneo "prever objetivos, conteúdos e métodos; assegurar a unidade e a coerência do trabalho docente; atualizar constantemente o conteúdo do plano; facilitar a preparação das aulas".

## 2.2 INTERDISCIPLINARIDADE: CONCEITO E CONCEPÇÕES

Uma das soluções encontradas para se trabalhar a diversidade cultural no contexto escolar é a interdisciplinaridade, esta pode ser compreendida como uma fundamental ferramenta para uma mudança significativa na educação, especialmente ao que se refere às diferenças existentes no âmbito educacional.

A respeito do conceito de interdiscipliraridade Fazenda (1991, p. 113) afirma que: "o termo interdisciplinaridade não possui ainda um sentido único e estável. Trata-se de um neologismo cuja significação nem sempre é a mesma e cujo papel nem sempre é compreendido da mesma forma". Sem esse entendimento, do termo interdisciplinar, a prática coerente ao mesmo acaba caindo por terra, sem a compreensão necessária por parte dos professores, estes aplicam praticas mecânicas e pragmáticas dissociadas do real sentido do termo. Assim, faz-se necessário que haja um rompimento das barreiras que condicionam a escola a agir de forma alienada e alienante. Como afirma Fazenda (1991: 57)

> asuperação das barreiras entre as disciplinasconsegue-se no momento em que instituições abandonem seus hábitos cristalizadose portam em busca de novos objetivos e no momento em que as ciênciascompreendam a limitação das barreiras de seus aportes. Mas difícil que esta, é aeliminação das barreiras entre as pessoas, produto de preconceitos, falta de formaçãoadequada e comodismo. Essa tarefa demandará a superação de obstáculospsicossociológicos, culturais e materiais.

Como ressalta Brasil (1999, p.88) sobre o conceito de interdisciplinaridade que este "fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente como os outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, [...]". Esta é a grande força da interdisciplinaridade, dar sentido e aplicabilidade aos conteúdos, porem, o que acontece em muitas escolas, o ensino é fragmentado, os conteúdos e as disciplinas são ministrados separadamente sem qualquer conexão entre eles. O que causa um acúmulo exagerado de informações "inúteis", pois, há pouca aplicação destas no cotidiano dos alunos. Assim, Morin (2001:21) aponta a diferença de "Cabeça Bem-Feita" da "Cabeça Cheia", quando afirma que uma dispõe de princípios organizadores que permitem ligar os saberes e lhes dar sentido; e outra, em contrapartida, apenas acumula o saber, sem dispor de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido.

Contudo, faz-se necessário entender que tanto o conhecimento quanto a educação não se restringe aos muros da escola, tornando a interdisciplinaridade o grande elo dos saberes que mantem esse diálogo ultrapassando os limites do saber escolar reorganizando o mesmo e produzindo um novo conhecimento que pode ser aplicado na vida fora da escola.

## 2.3 DIVERSIDADE CULTURAL: IDENTIDADE E DIFERENÇA

Silva (apud FREIRE, 2009, p.37) define Cultura, como:

> Fenômeno unicamente humano, a cultura se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia. [...] É compartilhada pelos indivíduos de determinado grupo, não se referindo, pois a um fenômeno individual.

De modo geral, mas especificamente no âmbito escolar, há uma grandeza de diversidade cultural, a escola precisa compreender essa realidade e romper com o paradigma da unidade humana, bem como a do saber, que todos devem corresponder a uma determinada aprendizagem e aprender ao mesmo tempo. Pois, os alunos vivenciam experiências distintas, uns dos outros, embora alguns possuam a mesma idade, são diferentes entre si, logo, a compreensão, o conhecimento, as experiências são constituídos a partir da subjetividade e isto é algo singular e varia de acordo com a identidade do sujeito.

A respeito do termo identidade e diferença Tomas Tadeu, nos mostra que identidade é aquilo que se é. Já a diferença, em oposição à identidade, é aquilo que o outro é. Ambas são concebidas como independentes e auto-suficientes, simplesmente existem, porem, mantem uma relação de dependência. Entretanto, na medida em que se afirma a identidade esta relação se oculta, limitando-se a uma definição como se não existisse outra. Em contrapartida, se há esta definição na identidade é porque existem outras diferentes, isto nos mostra que a afirmação de uma identidade parte de sucessivas negações de outras, da mesma forma, as diferenças só existem a partir dessas afirmações. Confirmando assim, que identidade e diferença são indissociáveis. Para tanto, Ferrari (2000, p. 95) afirma que "somente no momento em que se desconstruir a oposição entre diferença e igualdade é que será possível entender que a verdadeira igualdade está no direito à diferença e que todos nascem iguais, porém diferentes. Todo ser humano, todo aluno é único e diferente, pois a diferença é a certeza da individualidade".

A partir desses conceitos, faz-se necessário esta compreensão dentro das escolas, afirmando a pluralidade da identidade e evidenciando a singularidade da diferença, como considera Morin (2001) "o homem é ao mesmo tempo singular e múltiplo". Nessa perspectiva, deve-se buscar uma pedagogia que contemple esses parâmetros, não meramente como tolerância, como se vê em alguns ambientes, ou como valorização ou inferioridade. Pois, assim como os conteúdos e as disciplinas não são iguais, as diferenças em sala devem ser percebidas, compreender uma unidade que valorize a diversidade é fundamental na pratica docente, a interdisciplinaridade pode fomentar essa ação, na medida em que busca a integração dos diversos elementos. Romper as fronteiras é essencial nessa busca, Martins (1997) ao definir "fronteira", enfatiza que:

> a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso que faz dela uma realidade singular. Á primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si,[...] Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. [...] O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas (p.151).

Contudo, somente quando se romperem as fronteiras da limitação e olhar o outro através dos muros ideológicos é que se alcançará compreensão da diferença, não como elemento excludente e sim como complemento de uma realidade.

## 2.4 PRÁTICA PEDAGÓGICA

A prática pedagógica do professor coincide com sua identidade não apenas de profissional, mas, também como de sujeito pertencente a realidades diversas. Realidades essas, indissociáveis da educação, reconhecendo-se como sujeito atuante dessa realidade e de sua função na educação. Assim, sobre a identidade do professor aponta Cifall (1994 apud Perrenoud 2000:151)

> O vínculo educativo é muito complexo, pois mobiliza demasiadas camadas de sua personalidade para que o professor domine racionalmente o todo da relação que constrói com seus alunos. Sedução, chantagem afetiva, sadismo, amor e ódio, gosto pelo poder, vontade de agradar, narcisismo, medo e angústias jamais estão ausentes da relação pedagógica.

Quando se fala no impulsiona-mento do desejo do professor em ensinar, percebe-se a ligação da subjetividade em relação a sua prática educativa exercida. Há quem veja a mesma como um martírio, transmitindo assim, aos alunos no momento em que ministram as aulas. Outros, no entanto, passam a imagem de realidades não condizentes com às do público alvo, no caso os alunos. Nesse paradoxo da prática pedagógica em que o professor é o principal condutor fica visível que:

> [...] enquanto uma parte não-negligenciáveis dos professores do ensino fundamental e médio dos cursos de longa duração podem estabelecer-se em um certo Angelismo, os professores que enfrentam públicos difíceis e habilitações desvalorizadas tem dificuldade de defender em sã consciência valores que correspondem ao mundo com que sonham, mas não àqueles no qual seus alunos vivem, isso a despeito da militância daqueles que escolheram trabalhar "onde a Sociedade se desfaz" a expressão de Pierre Lascoumes a propósito do trabalho social. PERRENOUD (Pg. 153, 154).

Portanto, percebe-se que essas barreiras requerem um trabalho coletivo de toda equipe escolar para então ocorrer à superação das mesmas, para se aprender, aprender a fazer, aprender a ser e a viver junto. Isto fica claro, no momento do planejamento escolar, o que vai ser trabalhado em uma determinada aula, como ensinar e avaliaros discentes. Lembrando que esta ação docente deve, por obrigação, passar longe de uma visão romântica de ensino, a mesma deve ser entendida como ferramenta do professor de mudança e transformação social.

O professor que elabora em sala de aula seu plano, no instante em que executa sua aula; e que muitas vezes não dá aula alegando o não funcionamento do Data show ou da impressora; faz chantagem emocional dizendo o quando os alunos da manhã ou da outra turma são melhores no desempenho das atividades e no comportamento em sala; ele não se permite

refletir sobre sua função na educação, como direcionador de mudança social e política, muito menos na ação da aprendizagem no saber fazer pedagógico.

Essa situação exige muita atenção, dando uma breve ênfase à utilização das ferramentas do mundo tecnológico de hoje. Se não há possibilidade de apresentar o slide ou o vídeo, porque não usar o quadro? Ou elaborar um cartaz até mesmo em conjunto com os alunos para então explanar? Um plano "B" sempre é bem vindo. É notável o comodismo em não procurar materiais diferentes para trabalhar as atividades, ocorrendo uma total dependência da tecnologia, sendo que esta deveria ser mais uma das ferramentas de trabalho do mesmo, e não a contribuição de mecanização do ensino.

Toda prática pedagógica tem sua finalidade, sendo assim, conseguir que os alunos aprendam da melhor forma possível, pode ser uma delas, e os comparando com outros alunos prova a desatenção, negligencia do professor com a realidade enfrentada, pois, nenhuma sala de aula é igual a outra, tampouco os alunos tem a mesma identidade, individualidade e dificuldades, é como se o profissional da educação fugisse do "para quê estudar" por meio dessas ações.

Dessa forma, não há como fugir do "para quê estudar", porque para o ensino e aprendizagem existir com eficácia tanto a relação do aluno com o conteúdo de estudo, e para com o professor precisa ser direcionado com competência pelo docente fazendo a articulação adequada entre eles, além de permitir fluir a "autonomia de ser e de saber do educando". Tendo, portanto autonomia, atitude e competência na execução de sua prática pedagógica.

## 3. METODOLOGIA

O estágio é decisivo na caminhada do profissional da educação, é nele que se evidência os desafios reais a serem enfrentados no decorrer da caminhada. A metodologia aplicada no estágio está de acordo com os parâmetros preestabelecidos no manual de estágio, para execução do mesmo, utilizaram-se os seguintes passos: 1: Docência, 2: observação, 3: participação, 4: regência, 5: investigação, 6: intervenção. Seguem então respectivamente as definições das etapas.

**Docência:** nesta etapa a observação se configura como **prática de docência** são vivências no cotidiano escolar que auxiliam um conhecimento prévio das atividades e práticas pedagógicas. É fundamental para o exercício do estagiário no que se refere aos projetos e planos a serem aplicados dentro da instituição. A docência pode ser também participativa, na

medida em que pode auxiliar o professor em sala, visando uma preparação para a regência. Nesta o estagiário conhece os alunos, o ambiente, o comportamento da sala o ensino e aprendizagem.

**Observação:** é uma análise cautelosa, dos processos e estruturas educacionais, em busca de uma compreensão da vida escolar de modo geral. A respeito disto, Pimenta (2011 p.226) enfoca que para se obter um diagnóstico de uma escola "precisamos observar atentamente os sintomas para podermos encontrar as verdadeiras causas dos problemas vividos pela escola, pelos alunos e pelos professores. O olhar atento poderá mostrar-nos a distância ou a proximidade entre o escrito e o vivido, o dito e o feito".

**Participação**: a participação do estagiário deve ser de colaboração nas atividades da escola, auxilio ao professor, gestor, coordenação, alunos; bem como em atividades da escola e/ou de sala de aula. A participação do estagiário concerne em auxiliar na preparação das atividades, realização das rotinas de classe, ajudar os alunos quando solicitados. Colaborar nos planejamentos, reuniões e organização de diversas atividades e eventos da escola.

**Regência:** esta compreende uma ação de acordo com as dificuldades percebidas durante as observações, no que se refere às disciplinas de práticas pedagógicas, que fundamentam e sustentam a docência nos estágios de Educação Infantil e Ensino Fundamental/Anos Iniciais. A mesma prática não se aplica ao estagio III:Gestão Educacional, nesta competirá ao estagiário aobservação, experiência no ambiente escolar e não escolar, visando um projeto de intervenção, devidamente supervisionado.

**Investigação:** o estágio como teoria e prática, nos fornece um contato direto com a prática docente, os desafios da profissão e da gestão, fornecendo dados de pesquisas e estudoscientífico-tecnológicos. A investigação visa atividades que possam apoiar as práticas pedagógicas internas e externas da escola, produzindo e divulgando os conhecimentos dos fenômenos educativos.

**Intervenção:** este deve ser supervisionado e orientado pelo professor de estagio, os projetos devem ter uma articulação dos professores, estagiários, visando às problemáticas encontradas durante as observações.

Portanto, todas as experiências vivenciadas no estágio fazem o acadêmico decidir se é isso que realmente quer para sua vida, para que no futuro, não se torne um profissional medíocre responsável pelo assassinato de inúmeros sujeitos, porque isso é evidente na realidade educacional.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ESCOLA MUNICIPAL “MÉRCIA CARDOSO COIMBRA” está localizada em uma área urbana no município de Parintins, Estado do Amazonas. Tem como principal mantenedora a Prefeitura Municipal de Parintins; Ministério da Educação MEC- Governo Federal. A instituição trabalha com o Ensino Fundamental de 1º ao 5° ano, com 10 turmas nos turnos Matutino e Vespertino, a maioria dos alunos que a escola atende são oriundos de bairros adjacentes, bem como atende um grande número de alunos de bairros distantes, e também recebe alunos indígenas de outros municípios. Nota-se presente na instituição uma grande diversidade cultural, não existindo assim, um padrão que identifiquem os mesmos.

Apesar de obter uma área grande o estabelecimento de ensino em si é pequeno, a sua estrutura é subdividida em vários pequenos espaços, afim de atender alguns serviços da escola; As salas são pequenas e climatizadas, a área externa não oferece segurança, é toda aberta, a escola também não possui grades, somente as portas das dependências. Não tem quadra de esportes, apenas uma pequena área utilizada para educação física e festejos. A escola necessita de ampliação e uma área de lazer e para o recreio dos alunos.

Segundo Severino (2012, p.524) “a Filosofia da Educação busca explicitar valores para a condução da prática educacional apoiando-se numa antropologia fundada em mediações histórico-sociais, dimensões estas que qualificam e especificam a condição de existência real dos homens [...] Tendo em vista a educabilidade do homem, a ação educativa que nela se funda precisa sensibilizar-se a todos esses valores”. Desse modo, a Filosofia da escola Segundo o PPP, fundamenta-se em valores constitucionais e democráticos, propondo uma educação de qualidade e em respeito às diferenças e ao meio ambiente: “nossa escola tem como missão assegurar um ensino de qualidade, atendendo as expectativas da comunidade escolar e garantir o acesso e a permanência dos alunos, o respeito à diversidade cultural e social a fim de que todos tenham seus direitos à educação escolar respeitado”. Percebe-se que a escola no que se refere aos objetivos escritos se preocupa com a diversidade e o respeito com a mesma.

Durante o estágio, nas observações feitas e em conversas informais com a gestora, coordenadora pedagógica e professores da instituição, acerca das dificuldades encontradas e principalmente as mais recorrentes no momento, o foco das mesmas já era visando o projeto de intervenção, em que se detectou que os 4º e 5º possuem muitas dificuldades de leitura e escrita. Mas o projeto só será executado no próximo estágio que é o de Gestão Educacional.

Durante as observações, verificou-se que há alunos com muitas dificuldades de leitura e escrita, muitos são oriundos do interior e de escolas “renomadas” que fazem uma seleção dos alunos de “péssimo rendimento” e mandam para escolas “não renomadas” da cidade, ou seja, jogam a responsabilidade para outras instituições, para não “manchar a imagem” nas provas que visam o desempenho no ensino. Outro fato relevante é a presença de alunos no 5º ano com idade entre 09 e 11 anos e no 3º ano, idade entre 09 e 10 anos. Existe nessas salas de aula não apenas diferenças sociais, culturais; mas diferenças de idade cronológica, sendo assim muitas das situações de desatenção, algumas brigas, palavras de baixo escalão carregadas de preconceito; a maioria dos alunos não sabem trabalhar em grupo, são individualistas e egoístas.

Percebe-se a diversidade cultural nesta realidade, porem não existe uma metodologia para trabalhar essas diferenças, portanto, para a execução da semana de regência, o planejamento ocorreu semanas antes com reuniões ministradas pela professora, orientadora do estágio supervisionado II: ensino fundamental/ anos iniciais, em que se buscou uma unidade na temática, o tema escolhido foi Diversidade, delimitando-se a um subtema “Somos iguais, ou somos diferentes”,em que foi trabalhada,durante a semana de regência, a diversidade de modo geral, levando em conta as muitas diferenças presentes na escola. A culminância foi o momento de exposição de todos os trabalhos construídos em cada turma pelos estagiários juntamente com os alunos, puderam-se notar bons resultados. Ao ver os alunos explanando o que aprenderam com suas próprias palavras, foi muito gratificante. Todo planejamento tem uma finalidade, se a da regência era trabalhar a Diversidade de uma forma interdisciplinar, houve resposta por parte dos discentes seja na elaboração dos trabalhos e na aprendizagem, acreditamos que nossa finalidade foi alcançada.

Concluímos portanto, o estágio como a grande aprendizagem, a preparação para assumir uma sala de aula repleta de diversidades sabendo por onde começar, sabendo direcionar os passos a serem seguidos de forma interdisciplinar.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de na filosofia da escola constar a preocupação com a diversidade e o respeito às diferenças, nota-se que a prática não corresponde ao previsto, pois não são trabalhadas as diferenças presentes na escola: existem alunos indígenas que freqüentam as salas regulares e não há uma preparação por parte do professor para trabalhar com essa diversidade, assim como outras. Alguns professores entendem que é o índio que deve se adaptar ao contexto

escolar urbano ou devem ficar no seu lugar de origem “se eles não querem mais ser índio devem se adaptar a cidade e a escola”.

A escola é sobrecarregada no sentido de que a maioria dos alunos não está de acordo com a faixa etária correspondente aos anos/ciclos, alguns são de outras realidades, pois, provem de outros bairros, escolas e interiores, causando um acúmulo de problemáticas ao que se refere ensino e aprendizagem e que o professor não consegue uma prática eficaz, haja vista que muitos ainda compreendem o ensino como uma unidade do saber, quando o conhecimento deve ser visto como dinâmico e subjetivo.

Percebe-se que a escola não trabalha de forma interdisciplinar, os professores compreendem e transmitem o conhecimento de forma fragmentada. Pois, o erro antecipa as práticas pedagógicas, verifica-se no planejamento pedagógico dos mesmos, que ainda possui uma visão restrita, na medida em que não contempla o que se propõe no histórico da instituição. Não há a interação das disciplinas e dos conteúdos, muitos não acreditam no trabalho interdisciplinar “se esses professores mandam trabalhar desse jeito, deveriam eles vim dar aula diariamente para saber que isso não funciona”.

Contudo, para que haja uma eficácia na prática escolar de modo geral, faz-se necessário uma unidade nas áreas administrativas e pedagógicas, a fim de atender as reais necessidades da escola. Pois, é notável o distanciamento entre ambas. Entretanto, o planejamento interdisciplinar pode ser uma das soluções para a superação da dicotomia entre o falar e o fazer, tendo em vista a prática da diversidade cultural encontrada na escola, apesar de existir muitas diferenças entre os alunos, pouco é trabalhado essa questão. Entende-se este no seu real conceito mantendo um permanente diálogo entre os saberes, a prática docente e as diferenças existentes, de modo a ultrapassar os muros da escola e ter uma aplicação de fato concreta dentro da sociedade em que se insere.

Dessa forma, é fazer como diz a expressão usada por Morin, “reflexão-ação” se referindo à prática pedagógica, é ter autonomia, atitude e competência na execução do que se propõe diariamente ao aluno visto que são crianças e como todas, são sujeitos sociais e históricos.

**REFERÊNCIAS:**

ANDRÉ, M.E.D. (Org). **A Pedagogia das Diferenças na sala de aula.** Campinas: Papirus, 1999.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** 4ª ed. Campinas: Papirus, 1999.

FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola.** (ORG.). 2ª ed. São Paulo: Cortez,1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes Necessários à prática Educativa**.** 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2° grau. Série formação do professor).

MORIN.**A cabeça bem feita. Repensar a reforma repensar o pensamento**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil ltda, 2002.

PERRENOUD, Philip. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIMENTA,Selma Garrido. **Estágio e Docência.**6ª ed. São Paulo: Cortez,2011.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento:** Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 12ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Estudos a Filosofia da Educação na Rbep**: o debate filosófico nos últimos 15 anos. Brasília, v. 93, n. 234, [número especial], maio/ago. 2012.